

EDITORIAL

Enio Paulo Giachini

O número 2 deste volume da Revista Filosófica São Boaventura é aberto com um texto do professor Leonardo Mess, analisando os sintomas e o diagnóstico da filosofia moderna e contemporânea a partir de Kant, Nietzsche e Heidegger. A metafísica está adoecendo e cada pensador aqui apresentado busca a seu modo fazer frente a esta enfermidade.

O artigo subsequente, de Rodrigo Louzada Vergílio, visa identificar as características das relações humanas baseadas na lógica mercadológica vigente no Ocidente, suas consequências diretas nas relações interpessoais, assim como a relação desta com a natureza, a fim de apontar o futuro destas relações, considerando a atual trajetória das sociedades ultraliberais. Analisa, portanto, as consequências do neoliberalismo na sociedade ocidental.

O professor Tommy A. Goto juntamente com Mak A. B. de Moraes nos apresentam com um belo texto sobre a concepção de fenomenologia em Edith Stein. A partir, sobretudo, dos escritos de Stein voltados a esse tema, busca-se apontar também os fatores divergentes e convergentes e a originalidade da fenomenologia steiniana.

O texto de Antonio Carlos Carneiro reflete sobre o ensino da filosofia a partir da metodologia do Mito da Caverna, atribuída a Platão, na obra *A República*. Deseja-se, com este estudo, refletir sobre a importância do ensino de filosofia, do despertar reflexivo e do professor no ensino da filosofia.

A filosofia de Wittgenstein nos desafia constantemente. Thiago Vasconcelos aponta que Wittgenstein defende a substituição do primado da consciência (aquela primazia do *cogito* defendida por Descartes) por aquele da linguagem contextualizada. A tarefa é reconduzir nossos conceitos de seu uso metafísico para seu uso cotidiano, o seu enfoque antropológico.

Um texto de Stephan Günzel, traduzido do alemão, aborda basicamente a relação de Husserl com Schopenhauer, Nietzsche e Merleau Ponty, abordando seu *modus operandi* comum, a saber, a arqueologia como procedimento fenomenológico.

Milan Uzelac aborda o conceito de mundo em Eugen Fink, a partir da teoria estética. A filosofia começou como pensamento sobre a natureza e a origem do cosmos, começou como cosmologia. Fink, nas pegadas de Husserl e Heidegger, tematizou o conceito de mundo até o fim, testemunhando sua origem na luta dos poderes cósmicos e descrevendo essa luta como jogo do mundo que joga consigo mesmo.

Por fim, como tradução, que sempre consta no volume, trazemos um belíssimo texto de Husserl, de difícil compreensão, por nos ser por demais próximo, desbancando por sua análise rigorosa a concepção que temos de espacialidade da natureza, a partir da ciência. Apresenta uma análise fenomenológica e desafiadora do modo de ver a espacialidade cotidiana.